

INSEGURANÇA ALIMENTAR EM QUILOMBOLAS DE ALAGOAS: PREVALÊNCIA EM DUAS COMUNIDADES

Jônatas dos Santos de Souza

*Professor do Programa de Pós Graduação em Sociedade
Tecnologias e Políticas Públicas, Centro Universitário de
Maceió, Afya Maceió.*

jonatasssouza@gmail.com

Raphaela Costa Ferreira Lemos

*Professor do Programa de Pós Graduação em Sociedade
Tecnologias e Políticas Públicas, Centro Universitário de
Maceió, Afya Maceió*

raphaela.lemos@afya.com.br

Lis Maria Acioli Rebelo de Queiroz

*Estudante de Graduação em Nutrição Centro Universitário
de Maceió, Afya Maceió*

lisqueiroz93@gmail.com

Raquel Maria dos Santos

*Estudante de Graduação em Nutrição Centro Universitário
de Maceió, Afya Maceió*

raquelmsantos1601@gmail.com

Resumo

Este estudo avaliou condições de vida, saúde, segurança alimentar e conhecimento sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) em quilombolas de Ribeiras e Muquém, em Alagoas. A pesquisa transversal envolveu 42 moradores: 45,23% tinham doenças crônicas (hipertensão predominante), 8,8% apresentavam baixo peso e 52,9% excesso de peso. Insegurança alimentar foi identificada em 88,4%, com diferentes graus de gravidade. 64,5% conheciam PANCs, sendo seu uso comum em situações econômicas adversas. O estudo destaca alta vulnerabilidade social e aponta a necessidade de políticas públicas para melhorar a segurança alimentar, o acesso à saúde e a qualidade de vida dessas comunidades.

Palavras-chave: Saúde quilombola, Insegurança alimentar, Segurança alimentar e nutricional, PANCs.

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou identificar e analisar os desafios enfrentados em relação à segurança alimentar em dois quilombos alagoanos, Ribeiras e Muquém, durante 2023 e 2024. A pesquisa, de natureza exploratória, descritiva e analítica, incluiu um estudo transversal junto às comunidades. Os resultados revelaram, com base na contextualização teórica, que a insegurança alimentar nessas áreas indica uma desigualdade social, estando relacionada à falta de acesso regular e permanente a alimentos em quantidade e qualidade adequadas. Além disso, existe preocupação quanto à possibilidade desse acesso ser ainda mais restrito no futuro próximo, o que pode afetar a aquisição de outros bens e serviços essenciais.

Durante o estudo, foram realizadas visitas às comunidades Muquém (União dos Palmares) e Ribeiras (Jacaré dos Homens), ambas em Alagoas. O artigo detalha a metodologia do estudo transversal nessas comunidades e, em seguida, contextualiza os quilombos, relacionando sua configuração aos modos atuais de viver, plantar e comer.

Os dados das comunidades aqui tratados foram obtidos por um estudo transversal, descrito de acordo com as diretrizes do Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE), um guia com recomendação para descrição de pesquisas observacionais. Como já sinalizado o estudo foi realizado nas comunidades quilombolas de Ribeiras em Jacaré dos Homens e Muquém em União dos Palmares do estado de Alagoas, região Nordeste do Brasil.

As coletas de dados foram realizadas entre novembro de 2023 e maio de 2024, em locais específicos adaptados dentro das comunidades, tornando a estrutura adequada para a pesquisa. As equipes de coleta de dados foram previamente treinadas e durante as coletas foram supervisionadas por pesquisadores com experiência em estudos com comunidades em situação de vulnerabilidade.

Foram recrutados todos os responsáveis pelo grupo familiar (chefe da família), desde que apresentassem idade maior que 18 anos e estivessem aptos a responder ao questionário. Na impossibilidade do chefe da família, foi entrevistado o outro morador maior de 18 anos. A seleção do chefe de família foi relatada pelos próprios familiares, sendo geralmente o pai ou a mãe e, na ausência destes, o indivíduo com mais idade.

Foram coletados dados socioeconômicos, demográficos, nutricionais e nível de insegurança alimentar. As características sociodemográficas foram mensuradas por meio da adoção de um formulário de coleta de dados semiestruturado desenvolvido pelos pesquisadores e elencadas as variáveis: sexo, faixa etária, localização da comunidade, escolaridade, bolsa auxílio e trabalho remunerado e, classificação econômica que foi mensurada de acordo com o instrumento orientado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP).

A insegurança alimentar foi mensurada pela Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), também chamada de entrevista nutricional e validada para estudos no Brasil pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. A EBIA é uma escala psicométrica composta por 14 perguntas fechadas relacionadas a hábitos e frequência alimentar. Utilizada para identificar a percepção dos chefes de família dos domicílios sobre o acesso à alimentação nos últimos três meses. As famílias são classificadas de acordo com a presença de menores de 18 anos como “segurança alimentar” ou como insegurança alimentar leve, moderada ou grave, dependendo do nível de insegurança alimentar identificado.

Para os dados dietéticos foi realizado o recordatório alimentar de 24 horas. As análises do recordatório 24 horas foram realizadas através do software Avanutri 4.0 e da Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (TACO), com posteriores ajustes das

calorias e dos nutrientes pelo método da Estimated Average Requirement (EAR) como ponto de corte. Foi considerado adequado o consumo quando a média dos recordatórios encontrava-se entre a EAR e a Tolerable Upper Intake Level (UL), que é o limite superior tolerável de ingestão de determinado nutriente.

Para avaliação antropométrica foram consideradas as informações de peso, altura, índice de massa corporal (IMC). O IMC será interpretado segundo as categorias preconizadas pela World Health Organization (WHO, 1995) para adultos e WHO (2000) para idosos.

A técnica de entrevista para identificar as Plantas Alimentícias Não Convencionais utilizadas nas comunidades seguiu o sugerido por Albuquerque, Lucena & Cunha 2014. Foram identificados os conhecimentos específicos sobre o tema, como o conhecimento acerca de PANC, frequência de consumo, aproveitamento dos alimentos, espécies mais consumidas e análise das formas de preparo.

Ainda, se faz importante mencionar que, em levantamentos etnobotânicos de PANC, cujos elementos do universo amostral selecionado são numerosos, o método de seleção de amostra mais utilizado nos trabalhos de campo é a chamada “bola de neve” (Snow ball), na qual inicia-se a coleta com um participante-chave que indica um próximo participante que tenha o perfil necessário para a pesquisa, e assim sucessivamente (Goodman, 1961; Bailey, 2008). Isto constitui uma ferramenta importante para maior conhecimento de cada ambiente.

Esse estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos por meio do sistema da Plataforma Brasil (número: 6.195.451). A permissão para a coleta dos dados foi realizada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os dados coletados foram analisados com o auxílio do programa SPSS versão 20.0. As variáveis foram descritas por frequências absolutas e relativas, média e desvio padrão.

Discussões sobre a história, contexto territorial, uso de alimentos convencionais e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) permitiram analisar os dados obtidos com verificação de seus impactos na saúde das comunidades quilombolas estudadas e serão apresentados na parte final deste documento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segurança Alimentar perpassa a simples ideia de encher a barriga e ter comida no prato, esta faz parte de uma complexa análise sobre costumes, qualidade alimentar, rotinas, poder econômico e perspectivas futuras sobre o conceito da nutrição de um povo. E faz parte dos direitos sociais assegurados na Constituição Brasileira: *“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”* (BRASIL, 2025).

Todavia, vivemos num país continental, diverso, heterogêneo desde a sua formação, onde cada canto narra sua história e todas essas histórias contam um pouco sobre como foi constituído os costumes que culminam no estado presente de referida população em relação a sua alimentação ou até mesmo a falta dela. A maior parte da população do país é composta por descendentes de europeus, indígenas e africanos. Estes últimos foram trazidos ao território nacional por meio do tráfico de escravos (SOUZA, et al, 2025).

Aqui, faz-se necessário recordar que no Brasil estima-se o desembarque de forma registrada de 3,8 milhões de escravizados, mais 850 mil pelo tráfico intercontinental e não há como estimar quantos foram trazidos ilegalmente (LAMBAS &

PALMAS, 2023). Na capitania de Pernambuco os registros históricos são imprecisos quando se trata de Alagoas e do fluxo pré formação do seu território, todavia, neste Estado estima-se ter desembarcado 300 mil escravizados, apenas no Quilombo dos Palmares é estimada uma população de 30 mil pessoas dentre negros, pardos e indígenas que já habitavam a região (FREYRE, 1675; LIMA, 2025).

Em virtude das condições extremamente adversas de vida e do trabalho forçado a que eram submetidos, muitos desses indivíduos fugiram de fazendas ou minas de ouro e se estabeleceram em áreas remotas, conhecidas como quilombos (MOTTA-CASTRO et al., 2009).

Quilombos que em sua etimologia bantu significa acampamento guerreiro na floresta (LEITE, 2018), são refúgios populacionais, localizados em áreas com relativo grau de isolamento social, formados por escravos fugidos (OLIVEIRA E SILVA et al., 2018). Esses núcleos comunitários, também conhecidos como “mocambos”, “comunidades negras rurais” e “terras de preto”, eram caracterizados por sua resistência e luta por liberdade, assim como a manutenção dos costumes, crenças e tradições africanas (BRASIL, 2008).

A história do Quilombo dos Palmares demonstra um pouco da realidade em seu contínuo temporal, constituída por negros fugitivos, de um sistema de subnutrição escravocrata, se ambienta em meio a mata Atlântica, com cursos de rios na proximidade de suas células (Mocambos), e manancial no coração da Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas, local sede deste. Essa característica de bioma propicia riqueza de espécies, seja da flora ou da fauna, e os cursos de rios, ambientes ideais para cultivar alimentos e criar animais, este é um dos motivos pouco relatado para a prosperidade e resistência por anos do Quilombo dos Palmares (1597-1695) (LARA & FACHIN, 2023)

Após as invasões, prisões de mais de 200 pessoas e assassinato de grande parte dos negros deste quilombo, alguns como o próprio Zumbi conseguiu se refugiar nas matas, a área foi mantida com a presença de tropas até metade do século XVII, alguns Mocambos menores continuaram existindo e como narra Maria das Dores (habitante atual da região) “Os mais antigos contavam que sobreviventes do Quilombo desceram a Serra e se amuquenharam por essas bandas daqui” (FERREIRA, L., 2021) formando a comunidade quilombola do Muquém.

Essa comunidade passou por uma mudança brusca em seu estilo de vida após uma enchente que tomou suas casas, como “ação afirmativa” foi construída uma vila urbanizada com lotes de tamanhos iguais em estrutura urbana para o povo quilombola, desta vez os afastando de suas roças e da presença direta e frequente com a terra de onde vinha parte de sua subsistência.

Ao passo que os negros conquistam sua liberdade e muitos fazem parte da mão de obra assalariada do país, é notável seu vínculo à terras nas proximidades das fazendas onde trabalhavam. Este novo lar frequentemente é estabelecido, como já mencionado, próximo à cursos d’água, que permitem a manutenção de lavouras e criação de animais, ou coleta de recursos naturais para sua alimentação, desta forma foi estabelecida a comunidade quilombola da Ribeira em Jacaré dos Homens, bacia leiteira de Alagoas.

Embora as comunidades tenham origem distintas dentro do mesmo contexto, os resultados revelam similaridades e diferenças nos aspectos alimentares e culturais que constituem o quadro nutricional e os patrimônios imateriais que são transmitidos predominantemente pela oralidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para o estudo foram incluídos 42 quilombolas com média de idade de 47,14±18,30 anos. Quanto às condições socioeconômicas e demográficas, a maioria (73,8%) era do sexo feminino, 33,3% deles eram analfabetos; 40,5% referiram renda familiar mensal < 1 salário mínimo; 34,85% relataram ser casados; 19,1% residem com mais de 5 pessoas na família, a quantidade de filhos dos entrevistados variou de 0 a 21 filhos (com média de 4 filhos), quando foi perguntado quantos filhos seus pais tiveram variou de 1 a 15 (com média de 6 filhos) conforme detalhado na Tabela 1.

Tabela 1. Características socioeconômicas e demográficas dos quilombolas		
Variáveis	n	% do total
Sexo		
Masculino	11	26,2
Feminino	31	73,8
Escolaridade		
Analfabeto	14	33,3
Ensino fundamental	17	40,5
Ensino médio	8	19,0
Ensino superior	3	7,2
Renda familiar		
< 1 salário mínimo	17	40,5
³ 1 salário mínimo	25	59,5
Estado civil		
Casado	18	42,8
Solteiro	17	40,5
Viúvo	7	16,7
Membros da família		
< 5 membros	33	78,6
³ 5 membros	9	21,4
Quantidade de filhos		
0	6	14,3
1-5	27	64,2
>5	9	21,4
Quantidade de filhos que os pais tiveram		
0	0	0
1-5	18	42,9
>5	24	57,1

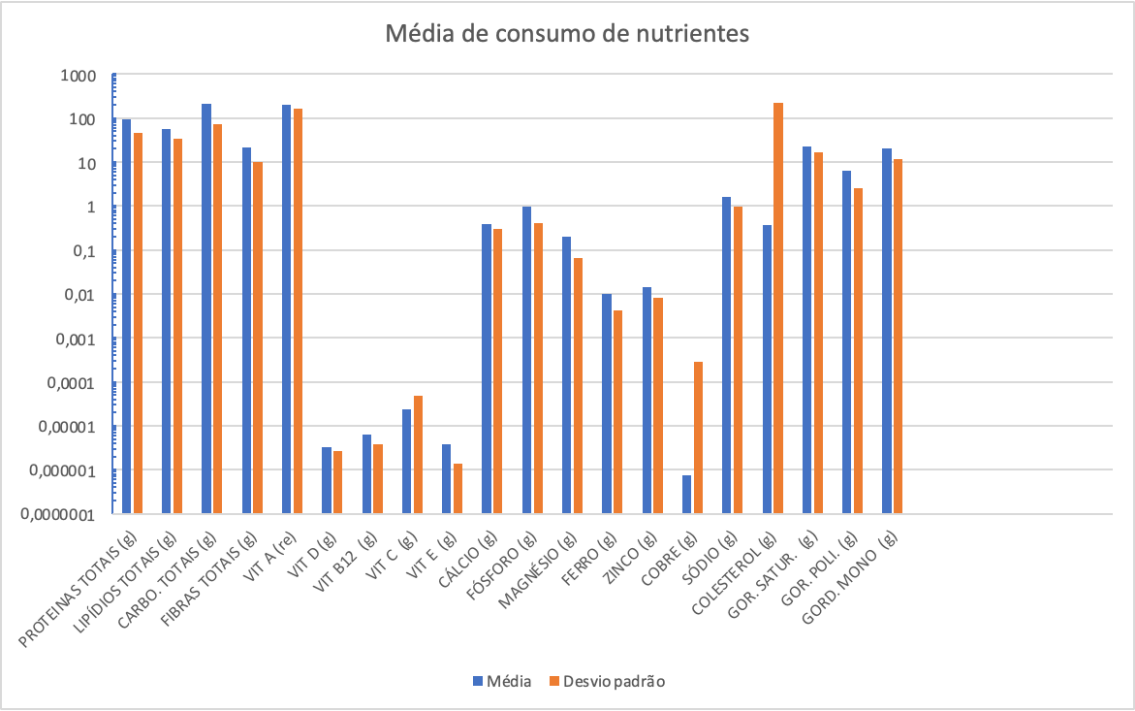
Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

No âmbito clínico, 45,23% dos participantes da amostra apresentaram doenças crônicas não transmissíveis, destacando-se a hipertensão como a condição mais prevalente (33,3%). Com relação ao estado nutricional, 52,9% estavam acima do peso recomendado. Quanto à insegurança alimentar, observou-se que a maioria dos indivíduos quilombolas estava em situação de insegurança alimentar (90,47%), com 7,1% em grau grave, 21,42% moderado e 59,52% leve.

A média diária de calorias consumidas pelos quilombolas analisados foi de 1621,02 $\pm$ 953,32 Kcal, indicando que 80% dos participantes apresentaram ingestão insuficiente. Os dados referentes à proteína revelam que 16,7% dos entrevistados não consumiram a quantidade adequada desse nutriente. No caso dos carboidratos, 57,2% tiveram uma ingestão considerada inadequada, enquanto a inadequação referente ao consumo de lipídeos atingiu 33,3% da amostra.

Com base nos dados apresentados no Gráfico 1, observa-se que 45,2% dos indivíduos quilombolas da amostra apresentaram consumo inadequado de vitamina A. No caso da vitamina D, a inadequação foi identificada em 100% da população avaliada. Quanto à vitamina B12, 41,46% dos participantes tiveram ingestão insuficiente. Em relação ao cálcio, 97% da amostra demonstrou inadequação no consumo; para o ferro, esse percentual foi de 63,4%; sódio, 75,6%; e vitamina E, 97%. Adicionalmente, verificou-se inadequação do consumo de zinco em 48,7% dos casos, magnésio em 97% e fibras alimentares em 64,28% da amostra.

Gráfico 1: Média consumo de nutrientes



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

Entre os 42 participantes, seis não tinham filhos. No total, os entrevistados somaram 94 filhos, resultando em uma média de 2,61 filhos por família, sendo que houve um caso isolado com 21 filhos. Para a geração anterior, considerou-se o número de filhos que os pais de cada entrevistado tiveram: foram 260 filhos ao todo, com uma média de 6,19 filhos por família.

A convivência com pessoas mais velhas representa uma maneira direta de aprender oralmente, e os avós desempenham papel fundamental na transmissão dos saberes tradicionais; cerca de 69% dos entrevistados tiveram contato com seus avós. Ao serem questionados sobre a última vez que usaram essas plantas, a resposta mais comum foi “Não lembro”, seguida por “há menos de dez dias” e “há mais de três anos”.

Existe consenso entre os entrevistados a respeito da relevância das PANCs para a sobrevivência e nutrição dos antepassados, e 93% deles acreditam que as novas gerações estão perdendo esse conhecimento.

Na entrevista nutricional, as PANCs mais citadas foram inhame (*Dioscorea trifida/alata*) e macaxeira (*Manihot esculenta*), ambos importantes na alimentação dos entrevistados e que remetem a componentes da alimentação básica vinda de seus antepassados. Além disso, 33,33% relataram uso de espécies botânicas para tratar dor de barriga, 16,6% para sintomas de gripe e 4,76% para cólica menstrual.

Foram mencionadas 61 espécies botânicas pelos entrevistados (Tabela 2), totalizando 249 citações, o que corresponde a cerca de cinco plantas por pessoa. Entre as medicinais, destacam-se 26 espécies com 73 menções, média de duas por entrevistado. As PANCs utilizadas foram:

Tabela 2: Plantas Alimentícias Não Convencionais apresentadas pelas comunidades.

Nome popular	Nome Científico
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i>
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>
Alcachofra	<i>Cynara cardunculus</i>
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>
Alfazema	<i>Vitex agnus castus</i>
Alho	<i>Allium sativum</i>
Anador	<i>Justicia pectoralis</i>
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i>
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i>
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>
Babosa	<i>Aloe vera</i>
Banana d'agua	<i>Musa spp</i>
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i>
Boldo	<i>Peumus boldus</i>
Brêdo	<i>Amaranthus viridis</i>
Caju	<i>Anacardium Occidentalis</i>
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
Crista-de-peru	<i>Acalypha wilkesiana</i>
Endro	<i>Anethum graveolens</i>
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i>
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i>
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>
Flor de maio	<i>Schlumbergera truncata</i>
Flor de muçambê	<i>Tarenaya spinosa</i>
Flor-de-caatinga	<i>Cenostigma pyramidale</i>
folha de Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i>
Folha de goiabeira	<i>Anacardium Occidentalis</i>
Folha de laranjeira	<i>Citrus sinensis</i>
Folha de Macaxeira/Maniçoba	<i>Manihot spp.</i>

Fruta-pão	<i>Artocarpus altilis</i>
Goiaba branca	<i>Psidium guajava</i>
Hortelã	<i>Mentha spp.</i>
Inhame	<i>Dioscorea spp.</i>
Louro	<i>Laurus nobilis</i>
Macaxeira	<i>Manihot spp.</i>
Maconha (semente)	<i>Cannabis sativa</i>
Major Gomes	<i>Talinum paniculatum</i>
Mamão	<i>Carica papaya</i>
Manga	<i>Mangifera indica</i>
Manjerona	<i>Origanum majorana</i>
Marcela	<i>Achyrocline satureioides</i>
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>
Maxixe do sertão	<i>Cucumis anguria</i>
Melão-sabão/ Melão de são caetano	<i>Mormodica charantia</i>
Muçambê	<i>Cleome spinosa</i>
Ora-pro-nobis	<i>Pereskia aculeata</i>
Orégano	<i>Origanum vulgare</i>
Pinha	<i>Annona squamosa</i>
Pinhão-manso	<i>Jatropha curcas</i>
Pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i>
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>
Samambaia	<i>Sl</i>
Sambacaitá	<i>Hyptis pectinata</i>
Siriguela	<i>Spondias purpurea</i>
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>
Vassourinha de botão	<i>Borreria verticillata</i>
Velame-da-caatinga	<i>Croton heliotropiifolius</i>

Fonte: Elaborado a partir das entrevistas realizadas nos quilombos, 2025

O perfil de saúde e nutrição dos moradores de comunidades quilombolas analisados neste estudo revelou altas taxas de excesso de peso, doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), condições socioeconômicas e demográficas desfavoráveis e uma significativa prevalência de insegurança alimentar. Além disso, observou-se pouco conhecimento sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS) e sua subutilização pelos descendentes de povos tradicionais, fato que provavelmente está relacionado ao estilo de vida atual.

No Brasil e em outros países emergentes, ocorrem mudanças epidemiológicas, demográficas e nutricionais marcadas por redução das taxas de morbimortalidade e fecundidade, aumento da expectativa de vida, alterações nos estilos de vida e hábitos alimentares, bem como crescimento das DCNT. Essas transformações afetam toda a população, porém no Brasil seu impacto é ainda mais evidente entre minorias étnicas e raciais, especialmente nas comunidades quilombolas que possuem fatores genéticos associados (Meirelles et al., 2023).

Foi observada alta prevalência de excesso de peso nas comunidades quilombolas, especialmente entre mulheres. O estudo confirma que sobrepeso e

obesidade são problemas relevantes de saúde nesses grupos vulneráveis, acompanhando a tendência crescente em áreas mais pobres do Brasil (Alves et al., 2011; Monteiro et al., 2007).

Segundo o VIGITEL (2023)¹, mulheres com menor escolaridade apresentam maior prevalência de sobrepeso e obesidade; neste estudo 33,3% dos analisados eram analfabetos e predominavam mulheres. Os achados de Rodrigues et al. (2020) na Bahia (850 quilombolas, idade média 45 anos, 61,2% mulheres) confirmam esses resultados. Menor escolaridade dificulta o acesso à informação de saúde, enquanto condições socioeconômicas precárias contribuem para insegurança alimentar em famílias quilombolas, agravando a saúde e elevando riscos de doenças (Maciel et al., 2021).

A alta prevalência de hipertensão entre quilombolas evidencia a necessidade de maior acesso à saúde para prevenção e tratamento (Bezerra et al, 2013). Estudos indicam que fatores do estilo de vida urbano aumentam riscos cardiometabólicos (Paiva et al, 2023) e a prevalência de hipertensão chega a 45,4% nesse grupo (Souza et al, 2014), associada a variáveis como idade, classe econômica, escolaridade, sedentarismo e IMC. Além disso, as comunidades neste estudo apresentam alta insegurança alimentar, com prevalência de 90,47%, superando a média nacional de 55,2%.

Nas áreas rurais, 60% dos domicílios enfrentam insegurança alimentar (Penssan 2021). Em quilombolas de diversas regiões do Brasil, esse índice ultrapassa 64% (Ribeiro et al. 2015; Santos et al., 2020). No Nordeste, estudo em Sergipe identificou que 88,8% das famílias vivem com insegurança alimentar, sendo 40,2% em situação moderada ou grave (Almeida et al. 2017). Revisão sistemática aponta prevalência de 81% entre quilombolas (Lemos et al. 2023). Essas estatísticas evidenciam uma violação dos direitos humanos e refletem desigualdades estruturais de renda, saúde e educação.

Embora alimentação e nutrição sejam direitos fundamentais, muitas populações vulneráveis ainda enfrentam insegurança alimentar e nutricional (Alves et al., 2014). A segurança alimentar deve garantir acesso físico e econômico a alimentos adequados em quantidade, qualidade, além de respeitar aspectos culturais e sociais. A diferença de dieta se constitui impacto em todas as etapas da história dos negros no Brasil, escravizados, jogados em navios, em sua maioria trabalhadores de monoculturas, habitantes de senzalas, fugitivos, “libertos”, subsalariado, habitantes de terras áridas, isoladas em campos de difícil acesso, hoje, grande parte ainda se encontra em periferias, grotas, favelas e ruas, fazem parte da maioria em situação de pobreza, fome, dos amparados por programas governamentais.

Desta forma, a monotonia alimentar predomina em famílias com insegurança alimentar, resultado de dificuldades no acesso a alimentos variados e em quantidade suficiente. Isso leva à inadequação nutricional e impede a adaptação da dieta às preferências e cultura locais. Políticas de incentivo ao uso sustentável da terra e à produção alimentar são necessárias, especialmente em áreas rurais, onde há vasto potencial agrícola. As PANCS se destacam como

¹ O Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico - VIGITEL compõe o sistema de Vigilância de Fatores de Risco para doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) do Ministério da Saúde.

alternativa sustentável, nutritiva e adaptável, sendo importantes para a diversidade agrícola e segurança alimentar.

Em Muquém e Ribeiras, as PANCS fazem parte do cotidiano, com destaque para a mandioca – alimento básico e fonte relevante de energia, proteínas e micronutrientes. O Bredo, igualmente citado, é um vegetal resistente, rico em nutrientes e compostos bioativos benéficos à saúde. A taioba, bastante consumida mundialmente, também integra a alimentação local, oferecendo minerais e vitaminas essenciais. No uso medicinal, a erva-cidreira (*Melissa officinalis*) se destaca pelos diversos efeitos terapêuticos relatados.

Apesar do valor das PANCS e muitas estarem associadas as práticas alimentares, muitos entrevistados desconhecem suas propriedades e diversidade, embora grande parte já tenha consumido ou utilizado tais plantas, majoritariamente através do plantio familiar ou da coleta na natureza, evidenciando o papel do conhecimento ancestral. Por fim, comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas preservam práticas agrícolas e ecológicas ameaçadas pelas mudanças econômicas, ressaltando a importância de fortalecer mercados rurais e agricultura familiar para promover segurança alimentar e conservação ambiental.

CONCLUSÃO

O estudo mostra que a saúde da população quilombola de Ribeiras e Muquém é afetada por desigualdades socioeconômicas, acesso restrito a serviços e barreiras culturais. Esses fatores geram alta insegurança alimentar, dificuldades de acesso a alimentos adequados e precariedade nas condições de vida. A vulnerabilidade dessas comunidades se expressa em baixos níveis econômicos, educacionais e nutricionais, evidenciando uma transição epidemiológica e nutricional. Os dados gerados podem apoiar políticas públicas de saúde voltadas para populações quilombolas, que continuam enfrentando desafios como insegurança alimentar e impactos negativos na saúde, apesar de seu legado cultural.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Methods and Techniques Used to Collect Ethnobiological Data In Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology. New York: Springer, 2014. p. 15-37.

ALMEIDA, J. A.; SANTOS, A. S.; NASCIMENTO, M. A. O.; OLIVEIRA, J. V. C.; SILVA, D. G.; MENDES-NETTO, R. S. Fatores associados ao risco de insegurança alimentar e nutricional em famílias de assentamentos rurais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 2, p. 479-488, 2017.

ALVES, J. G.; FALCÃO, R. W.; PINTO, R. A.; CORREIA, J. B. Obesity patterns among women in a slum area in Brazil. *Journal of Health, Population and Nutrition*, v. 29, p. 286-289, 2011.

BAILEY, K. Methods of social research. Simon and Schuster, 2008.

BEZERRA, V. M.; ANDRADE, A. C.; CÉSAR, C. C.; CAIAFFA, W. T. Comunidades quilombolas de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil: hipertensão arterial e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 29, n. 9, p. 1889-1902, 2013. DOI: 10.1590/0102-311x00164912.

BRASIL (2025) CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988, Cap. II, DOS DIREITOS SOCIAIS, Art. 6º (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015). Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em 25 de novembro de 2025

CORDEIRO-DO NASCIMENTO, Tatiana Mel. Estratégias de resistência negra no Brasil: do Quilombo dos Palmares (Século XVI) a Lei de Cotas (Século XXI). **Revista Transdisciplinaria de Estudios Sociales y Tecnológicos**, v. 5, n. 3, p. 75-84, 2025.

FERREIRA, L. (2021) Comunidade Quilombola Muquém: Herdeiros de Palmares. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/quilombola-muquem-herdeiros-de-palmares/>

FREYRE, Francisco de Brito. Nova Lusitânia: História da Guerra Brasílica. Lisboa, Off. de Joan Gabran, 1675

GOODMAN, L. Snowball sampling. *Annals of Mathematical Statistics*, v. 32, p. 148-170, 1961.

LAMBAIS, Guilherme; PALMA, Nuno. **African Slavery and the Reckoning of Brazil**. Centre for Economic Policy Research, 2023.

LARA, Silvia Hunold; FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678**. Chão Editora, 2023.

Lemos, R. C. F., de Souza, J. S. S., & Marques, V. T. (2023). PREVALÊNCIA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR EM QUILOMBOLAS: REVISÃO SISTEMÁTICA COM METANÁLISE. *Revista Interdisciplinar Pensamento Científico*, 9(1).

LIMA, Ivan Fernandes. O Quilombo dos Palmares: uma geografia da liberdade. EDUFAL, 2025.

MACIEL, E. S. et al. Insegurança alimentar em comunidades quilombolas: um estudo transversal. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v. 28, p. 1-10, e021017, 2021.

MEIRELLES, Julia Mathias Mendonça et al. Direitos humanos e saúde pública: revisão de saúde-doenças relacionadas à Obesidade da população negra brasileira. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 2, p. 1490-1506, 2023.

MONTEIRO, C. A.; CONDE, W. L.; POPKIN, B. M. Income-specific trends in obesity in Brazil: 1975-2003. *American Journal of Public Health*, v. 97, p. 1808-1812, 2007.

MOTTA-CASTRO A.R.C., GOMES A.S., YOSHIDA C.F.T., MIGUEL J.C., TELES A.S., MARTINS R.M.B.. Compliance with and response to hepatitis B vaccination in remaining quilombo communities in Central Brazil. *Caderno de Saúde Pública*. V.25, n.4, p.738-742. 2009.

PAIVA, S. G. et al. Cardiovascular risk factors across different levels of urbanization in Brazilian Afro-derived communities (quilombos). *American Journal of Human Biology*, v. 35, n. 4, p. e23839, 2023. DOI: 10.1002/ajhb.23839

PENSSAN, R. *VIGISAN-National Survey of Food Insecurity in the Context of the Covid-19 Pandemic in Brazil*. A Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_AF_National_Survey_of_Food_Insecurity.pdf.

RIBEIRO, G.; MORAIS, F. M. O.; PINHO, L. Segurança alimentar de comunidade quilombola no Norte de Minas Gerais. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 14, p. 1245-1254, 2015.

RODRIGUES, Deyvis Nascimento et al. Determinantes sociodemográficos associados ao nível de atividade física de quilombolas baianos, inquérito de 2016. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. e2018511, 2020.

SANTOS, M. A.; DOS REIS, A. A. L.; LIMA, E. A. S. C. Segurança alimentar e nutricional na comunidade quilombola Pau D'Arco (Alagoas): produção de alimentos e a luta por terra. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 7, p. 2783-2792, 2020. DOI: 10.1590/1413-81232020257.28492018.

SOUZA, C. L.; BARROSO, S. M.; GUIMARÃES, M. D. C. Oportunidade perdida para diagnóstico oportunista de diabetes mellitus em comunidades quilombolas do sudoeste da Bahia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 1653-1662, 2014.

SOUZA, J.S., FERREIRA LEMOS, R.C., MARQUES, V.T.. Desafios de Segurança alimentar em quilombos alagoanos. In: ESPINOZA, F., SILVA, J.L.V., ISA, F.G.. Povos e comunidades tradicionais na América Latina: estudo de caso. IOSE, 2025.

TEIXEIRA, Luana. Perfil dos escravizados no comércio interprovincial desde Maceió, Alagoas (1842-1882). **Afro-Ásia**, n. 64, p. 248-283, 2021.